

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Revisitar Os Grandes Géneros: A Comédia (Parte II) - A Comédia, Improvavelmente

26 de Setembro de 2020

MAHAPURUSH / 1965

O Santo

um filme de Satyajit Ray

Realização: Satyajit Ray / Argumento: Satyajit Ray, baseado num conto de Rajshekhar 'Parashuram' Basu (história "Birinchi Baba") / Imagem: Sumendu Roy / Som: Atul Chatterjee / Nripen Paul / Sujit Sarkar / Cenários: Bansi Chandragupta / Montagem: Dulal Dutta / Música: Satyajit Ray / Interpretação: Charuprakash Ghosh (Birinchi Baba, o charlatão), Robi Ghosh (o assistente), Satindra Bhattacharya (Satya, o noivo), Geetali Roy (Buchki, a mulher), Santosh Dutta, Prasad Muknerjee.

Produção: R. D. Bansal, Rajshri Productions / Cópia: Leopardo Filmes, em ficheiro (original em 35 mm), preto e branco, versão original com legendas em português / Duração: 65 minutos / Estreia Mundial: 7 de Maio de 1965, Índia / Estreia comercial em Portugal: 25 de Setembro de 2014, no cinema Nimas / Primeira exibição na Cinemateca: 7 de Maio de 1998, com Kapurush / O Cobarde ("Cinemas da Índia").

Datado de 1965, **Mahapurush/O Santo** é uma rara incursão de Satyajit Ray no universo da comédia. Todavia como, desde a altura da sua estreia em meados dos anos sessenta, o filme foi apresentado fundamentalmente como segunda parte de um díptico formado com outro filme rodado pouco antes com o título **Kapurush/O Cobarde**, uma narrativa de tom mais melodramático, mesmo aí, no resultado conjunto intitulado **Kapurush-O-Mahapurush**, diluía-se um pouco a singularidade desta obra de Ray. Foi também como díptico que estes dois filmes foram exibidos pela primeira vez na Cinemateca em 1998 num programa dedicado aos "Cinemas da Índia".

Mahapurush surge dez anos depois de **Pather Panchali** (1955), a primeira longa de Ray, e na sequência de outros títulos fundamentais da sua obra como **Jalsaghar** (1958), **Mahanagar** (1963) ou **Charulata** (1965), que precede o díptico. A aposta do realizador num género distante do que lhe era hábito – vertente muito pouco conhecida e mal compreendida no Ocidente da sua obra –, revelava assim um empenho na procura de novos caminhos e o desejo permanente de arriscar. Todavia, este não é realmente o seu primeiro trabalho em tom de comédia: para lá de sequência esparsas que atravessam vários dos seus filmes, logo em 1958 Ray realizaria **Parash Pathar**, longa que, curiosamente, parte de um outro conto humorístico de Rajshekhar 'Parashuram' Basu, o autor do conto que está na origem de **O Santo**. A propósito deste filme, na sua monografia *Satyajit Ray - The Inner Eye*, Andrew Robinson adianta como possível razão para a incompreensão das comédias de Ray no estrangeiro, o pouco conhecimento das características e traços de uma classe média indiana.

Ligado à tradição bengali das histórias contadas por pessoas reunidas em cafés, **O Santo**, longa-metragem de pouco mais de uma hora, centra-se na história de Birinchi Baba, um impostor que se faz passar por um sadhu (santo ou homem sagrado) explorando aqueles

com quem se cruza, neste caso um pai e a sua filha, que conhece numa viagem de comboio quando eles regressam de uma peregrinação. Advogado reformado com posses, o velho homem que viaja de comboio encontrar-se-á numa situação particularmente vulnerável em virtude a morte recente da mulher. A sua necessidade de consolo justificará a facilidade com que, na história, Birinchi Baba e o seu assistente se imiscuem no seio de uma família e de uma pequena comunidade.

É a voz de Satya, o jovem pretendente da filha que sente a sua ligação amorosa perigar, que nos guia ao longo de uma narrativa assente num acumular de diálogos e de situações em que é claro o conflito entre toda uma dimensão sobrenatural personificada por Birinchi Baba e o mundo da ciência personificado por si próprio e pelos seus amigos e mentores. Uma situação que, se noutro registo de Satyajit Ray nos podia colocar no seio de mais um melodrama familiar de tom realista, encontra em **O Santo** um tom de comédia, que se acentua com o decorrer do filme, em grande parte associado à exagerada caracterização do excêntrico e sagrado orador, que rapidamente se instala de armas e bagagens em casa de advogado tão ilustre, que elege como espaço privilegiado para as suas preleções públicas.

Birinchi Baba é o homem que desafia abertamente o tempo cronológico como o conhecemos, que afirma ter ensinado a teoria da relatividade a Einstein e ter privado com Platão, Buda ou Jesus Cristo. Independentemente da inverosimilhança do seu discurso (que põe os companheiros do pretense noivo com os cabelos em pé) o filme é extremamente claro no modo como nos dá a perceber como Baba é admirado sobretudo pela sua retórica e capacidade oratória. É esta uma das “lições” que se pode tirar de um filme em que a pobreza retórica do noivo (a dificuldade em articular uma carta) choca com a fluidez e a imaginação do homem-sábio e a sua capacidade de consolar e entreter aqueles para os quais a ciência não se consegue fazer valer, conquistando discípulos e mais ou menos ingénuos seguidores.

Parte do burlesco de **O Santo** advém precisamente do contraste entre o discurso e a caracterização dos “homens da ciência” e dos “homens santos”, que os primeiros se propõem desmascarar, não deixando de os elogiar. “Ele é um excelente orador, é culto, sabe de psicologia de massas, tem imaginação, só lhe falta a honestidade” – diz-se no filme a dada altura com extrema acutilância. Imaginação de uma personagem que se estende ao filme e ao modo como este retrata os dois charlatães na intimidade do seu quarto, cansados e aborrecidos face a uma vida confortável inevitavelmente repleta de esquemas manhosos, mas também de interdições. É muito significativo como para Robi Ghosh, o assistente de Baba, o escape parece ser uma ida ao cinema, desejo manifestado nesse que é um dos momentos mais conseguidos do filme. Com um tom de comédia ligeira, esta sequência tem muito de burlesco: os braços postigos atados às costas de Robi Ghosh e a sua multifuncionalidade ao longo do filme são a materialização física evidente disso mesmo.

Não possuindo a densidade de outras longas-metragens de Ray – ou mesmo de **O Cobarde**, o seu “filme-gémeo” –, **O Santo** é uma sátira muito conseguida às contradições de um país em transição, revelando o contraste entre uma Índia moderna e uma Índia das tradições, em que se põe a nu de uma forma caricatural os propósitos de um charlatão. Mas não estamos aqui face a uma dicotomia simples. No extremo oposto à crítica de uma irracionalidade religiosa e da credulidade humana encontramos personagens pouco performativas que traduzem a fina ironia que atravessa todo o filme.

Joana Ascensão